

A 'minha' cidade



Sei muito pouco sobre a minha cidade. E hoje é seu aniversário. Desaponta-me não falar nada em data tão festiva: ***368 carnavaís é muita coisa!*** Por isso acordei com a disposição de escrever algumas linhas, ainda que tais linhas não mereçam nada mais e além que o crédito, comumente concedido a quem é forasteiro.

Não sei o quanto de folclore há na história da minha cidade, nem sei mesmo se é o caso de se pensá-la como um causo. ***Mas reza a lenda que um bravo povo dessa terra afugentou um exército inteiro.*** Pelo menos é o que narram dois ou três livros que guardo na estante.

Na iminência de ver o território ocupado por colonos holandeses, abnegados guerreiros da minha cidade (***nativos e agregados – como eu***) não quiseram se subordinar a países baixos. Consideram-se, por certo, superiores.

O fato é que portugueses e brasileiros que aqui viviam (ou detinham algum tipo de interesse – seguramente, financeiro) ***botaram a tropa neerlandesa para correr, quebraram o maior pau. Pense num cacete!*** Mandaram-na às cucuias de ***Amsterdan***.

Vitoriosos – vitorienses e neo-vitorienses tinham, agora em mente, um audacioso e visionário plano: ***instituir uma constituição própria*** que disciplinasse, a médio-longo prazo, deveres e direitos nos limites da cidade.

A ***carta magna*** costurada a nanquim (contendo verdadeiros ***mandamentos***) aos habitantes 'daquela' remota terra, com os devidos descontos (porque aí já se vão algumas centenas de anos), dizia sobre política: ***esta arte da dissimulação*** (conclusão de ***Descartes*** que eu endosso).

O ***artigo 1º*** da ***Constituição da Republiceta da Terra das Tabocas*** dispunha que todo povo tinha o direito imprescritível e inalienável à autodeterminação, mediante às suas demandas e exigências.

Mas uma emenda, aprovada séculos mais tarde, identificando a pouca objetividade do texto, acrescentou que o povo tem, mesmo, todo direito, ***desde que mantenha algum grau de parentesco ou fidelidade com o líder político em vigência, ou frequente a mesma – que ele – confraria.***

O **artigo 2º** determinava a criação de uma **câmara alta**, autônoma e que emergisse legitimamente através de critérios técnicos e do voto distrital livre e direto (**nesta ordem**), configurando-se em representação deliberativa do povo, junto ao **Estado** (das **Tabocas**).

No entanto, recentemente, mediante o glorioso instrumento da **Medida Provisória**, a **MP nº40** - votada às pressas por um legislativo entorpecido (**porque foram tantos os mimos**), o governante da época conseguiu tornar sem efeito o artigo supracitado.

O dirigente que o sucedeu, com um ar democrático surpreendente, logo decidiu reescrever o tal artigo, dando-lhe roupagem linguística mais sofisticada. E mediante a **Medida Provisória nº55** foi soberanamente taxativo: "**Que o poder legislativo seja 'joystick' do Executivo municipal!**"

Honestamente, é o que pouco sei sobre a minha cidade.

Sim..., mas acabo de me lembrar, também, de que de lá pra cá riachos e nascentes foram transformados em esgoto, inclusive para acomodar os rejeitos industriais – **em nome do 'desenvolvimento'**. Um desenvolvimento que não chega aos bairros mais pobres, às pessoas que mais precisam.

O rio mais importante da minha cidade foi assoreado e teve sua margem invadida por aterros, terraplanagens e edificações, cuja propriedade é – **no mínimo** – questionável. Por outro lado, há quem invista tempo discutido a desnecessária **etimologia** de seu nome (se **Itapacurá** ou **Tapacurá**, é irrelevante). **Eu quero é tomar banho de rio! Eu quero é pescar! Utopia? Éh... eu gosto de utopias.**

As construções sem controle tomaram conta das calçadas. Não há asfalto nem praça nas periferias. **Quem nesses lugares moram, alheios a tudo, vivem a indigência e ignoram a semântica da palavra 'direito'**. As associações de moradores servem apenas para arregimentar eleitores.

Quando nos deslocamos em automóveis, enfrentamos motos e motociclistas inescrupulosos, buracos, semáforos desordenados, sinalização deficitária, caminhões que descarregam mercadorias em plena luz do dia, **ferro velho estacionado** e o carro do lixo que, sem o menor planejamento, nunca sai à noite – horário de menor fluxo.

Quem usa ônibus (meu Deus!) vive a síndrome da '**lata de sardinha**', e corre riscos de perder a vida em coletivos **malcheirosos, malcuidados** – guiados por condutores despreparados e que, sequer, respeitam um cronograma de viagens preestabelecido – entre outras coisas porque ele – **o tal cronograma** – não existe e porque não há, no poder público (leia-se: **Prefeitura**), ninguém a, sobre isto, ocupar-se.

Tem mais: há sempre lâmpada de poste que não acende (**mas tem poste plantado no meio da rua!**), os esgotos das casas perseguem o meio-fio escancarado. Em muitos lugares, formam poças que se espalham: **moradias de ratos, baratas e enxames de moscas.**

Tudo isto representa bem o cheiro de anos de abandono e de indiferença.

Quando chove é **lama** na certa.

Se faz sol, **som alto** e cerveja.

Citando o poeta **Everardo Norões**, e sem nenhum receio de ser classificado como

preconceituoso, não tiro palavra, nem ponho: **"a música brega do vizinho violenta nossos ouvidos e as crianças vagam pelas esquinas num exercício de vadiagem que as levará ao crack e ao crime"**.

Os **'playboys'**, e até gente (*imaginem!*) adulta, crias de uma **mentalidade falso-burguesa**, exibem-se com seus **veículos financiados em 72 meses**. **Com o som alto e a mala aberta ostentam uma pobreza que os condena a não refletir**.

Enquanto isso a política de prioridade do prefeito é investir em guardas engomados a desfilarem na principal avenida como num exercício ridículo de figurantes para programas de TV.

Eu não conheço a minha cidade. E, honestamente, nem sei se gostaria mesmo de conhecê-la. Melhor que ela continue a viver em mim em silêncio, **em pleno anonimato**, porque é assim que gostaria de nela viver.

Mas confesso que hoje eu acordei com a gota!

Chega a hora que a gente precisa botar para fora aquilo engasgado, **sabe?! E não importa se vão entender mal o meu resmungo**, o meu desaforo, a minha malcriação. Sim..., porque é assim que a **pseudo-elite** (política, econômica e intelectual) entende. **Não admite ser contrariada**.

Éh... e faz tempo, viu, que eu notei isso.

Já notei também que desqualificar a fala de quem se insurge, de quem se insubordina ao **'establishment'** é a especialidade dos **coronéis** e de **seus capangas no território baldio que se tornou a minha cidade**. Contudo, justiça seja feita, **antes de desqualificar, eles chegam junto, conversam, oferecem um cargozinho, um empreguinho, e se não tiver cuidado, eles cooptam**.

Aí ninguém repercute. Aí ninguém comenta. Aí ninguém fala. E todos os anos (**como num teatro**) se reúnem, em confraria, e realizam o esquete de sempre: **fogueteiam, hasteiam a bandeira, cantam um hino, falam umas coisas – qualquer coisa. Confraternizam-se – não se sabe o quê, nem por quê**.

Aqueles que se consideram mais **'sabidos'** repetem a mesma conversa que ouviram contar. **Falam de uma tal 'batalha' em que chegaram batendo, caindo de pau na tropa holandesa**. E já cansados de seus próprios **blablablás** dão uma trégua, intercalam com **coqueteizinhos mal dormidos**: um **canudinho** aqui, um **pastelzinho folheado** acolá... e comem – **e como comem!** E bebem – **bebem muito!**

Mas a verdadeira história da cidade ninguém conta, a verdadeira história da cidade ninguém quer contar.